

## O EPITALÂMIO EM IOANNIS SECUNDUS AGIENSIS

Prof. Dr. Airto Ceolin Montagner, UERJ, UNIGRANRIO

### Resumo:

Nosso objetivo aqui é apresentar o texto de *Epitalamium*, de Ioannis Secundus Hagiensis, e sua respectiva tradução. Também realizamos um breve comentário sobre a presença do epitalâmio na literatura ocidental, até o Renascimento. A beleza das imagens e o estilo natural hão de ser agradáveis ao nosso leitor que ama a suavidade melódica do gênero.

**Palavras-chave:** latim; epitalâmio; tradução.

A palavra Epitalâmio deriva do grego, onde *epí* = sobre e *thálam* = tálamo, leito nupcial. Etimologicamente, designava o canto nupcial ou canto sobre o leito nupcial, visto que, em tempos remotos, no dia do casamento, a noiva era levada para a casa do noivo e colocada sobre o tálamo, enquanto se cantavam ou diziam louvações para a felicidade de ambos. Esse era o momento em que se usavam os epitalâmios.

Esses cantos nupciais, todavia, eram muito antigos, haja vista que os encontramos em Davi, entre os hebreus, conforme se pode ler no salmo 44. Entre os gregos, Himeneu, filho de Vênus e de Baco, era o deus, gênio e nume, que presidia os casamentos. Segundo a lenda, este Himeneu teria sido um vate ateniense que teria restituído à cidade, ilesas, algumas donzelas que haviam sido raptadas por sateadores. Teria, depois disso, assumido a condição divina. Sua função era a de presidir. Seja como for, os primeiros poemas nupciais eram uma invocação a esse deus. A invocação do seu nome expressava o desejo de uma união perpétua e felicidade dos noivos. Inicialmente, enunciava-se somente a exclamação: “Himeneu Himeneu!”

Nas bodas de Peleu e Tétis, Apolo compôs a primeira canção, contendo a exclamação a esse deus.

Posteriormente, atribui-se a Hesíodo seu emprego num poema de uso particular e literário, no que foi imitado por Estesícoro e Safo.

Passou a ser um elogio público e solene, dirigido ao cônjuge de maior condição social, preferencialmente recitado por um cantor e por um coro, que não deixavam de invocar os deuses para que concedessem aos nubentes a felicidade eterna. Originalmente, o epitalâmio era apenas uma canção entoada no quarto da noiva na noite do casamento, para se distinguir do *gamélios*, cantado na cerimônia do casamento ou banquete, e do *hymenaios*, cantado durante o cortejo dos recém-casados até à sua nova casa. Na *Iliada* de Homero, encontramos uma descrição deste último canto (cf. 18.391-96). Ao epitalâmio, que se celebrava por ocasião do casamento propriamente dito, chamava-se *coemético*; ao que era cantado na manhã após a lua-de-mel, chamava-se *egértico*, pois a sua função era a de saudar o

despertar do novo casal.

O grego Teócrito compôs um epitalâmio a Helena por ocasião do seu casamento com Menelau, ou seja, dedicou seu décimo oitavo idílio àquela que foi a causa da ruína de Tróia.

Safo, Estesícoro e Teócrito escreveram epitalâmios entre os gregos. Eis um fragmento de Safo, num epitalâmio dedicado a um noivo:

De ambrosia  
uma cratera  
se excedia  
— e Hermes, um cântaro,  
vazava vinho aos deuses.  
E todos os deuses erguiam as taças,  
libando, libavam  
— e ao noivo felicidades  
auguravam.” (in *Safo: Líricas em Fragmentos*, trad. de Pedro Alvim, Vega, Lisboa, 1991).

Safo inspiraria todos os poetas latinos que se dedicaram ao gênero, como Catulo (*Carmina*, 61, 62, 64).

Em Roma, é celebre a lenda do rapto das mulheres sabinas pelos romanos. No meio da confusão, enquanto um grupo de homens carregava a mais bela presa, alguém pergunta a quem era destinada tão formosa donzela; ao que todos respondem, em uníssono: “Talácio! Talácio!” Todavia, a beleza do casal propiciou que se fizesse com eles um casamento solene. A felicidade de tais bodas fez com que, a partir de então, todo casamento romano simulasse um rapto e o grito de Talácio era símbolo de desejo de felicidade aos nubentes.

Assim foi até os tempos de Pompeu, quando se acrescentaram os versos fesceninos, famosos por sua obscenidade.

Na literatura latina, Claudiano e Catulo destacam-se como autores de epitalâmios, bem mais licenciosos do que o seu modelo grego. Frequentemente, o gênero latino é precedido de cânticos populares, com refrãos jubilosos.

O primeiro poeta latino a compô-los foi Catulo, tornando-o um poema regular, desterrando da obscenidade as palavras, sem despi-lo, todavia, de toda a lubricidade.

Se Estácio foi modesto em seus Epitalâmios, Claudiano pecou pela indecência, contudo pode-se dizer que o Epitalâmio de Ausônio não poderá nunca ser lido sem que se cubra de rubor a face das pessoas mais recatadas. Após esse tempo, o gênero conhece o declínio.

Só no século XVI, com o Renascimento, o epitalâmio voltou a ser escrito. Destaca-se Spenser, poeta inglês, que nos legou *Epithalamium* (1595). Este gênero

ainda conhece alguma fortuna nas literaturas européias até século XVIII.

O Renascimento representa uma época em que o latim era a única língua de expressão internacional, talvez só comparável ao que é a língua inglesa hoje. Assim, a literatura em língua latina era uma literatura internacional, direcionada a um público culto, que permeava uma sociedade sofisticada, baseada nas mais fortes instituições de então: a corte, a igreja e a universidade. Ao mesmo tempo, surge uma forte literatura escrita nos idiomas românicos, de inspiração greco-latina, voltada, a princípio, para as nascentes nacionalidades, mas que, aos poucos, ganha dimensão para além das novas fronteiras. É o espírito do Renascimento que se expande e ganha primazia.

É no contexto renascentista que surge a figura de Ioannis Secundus ou Jan Everaerts, de Haia. Nasceu em 1511 e morreu em 1568. Compôs *Odes*, *Epigramas*, *Poemas fúnebres* e um livro de *Elegias*. No entanto, deve seu êxito literário a *Basia*, o livro dos beijos, de extraordinária repercussão na época. Também compôs o *Epitalâmio* de que nos ocupamos aqui.

Não há registros que indiquem a data e o casal para quem o *Epitalâmio* foi composto. Por isso, focalizaremos aqui alguns aspectos essenciais desse canto nupcial, ressaltando a leveza e a graça do estilo secundino.

O *Epitalâmio* de Segundo acusa influências de Catulo (*Carmina* 61,62 2 64), mas também, e principalmente de Claudiano, com o *Epitalâmio a Honório e Maria*.

Embora o gênero epitalâmico não ofereça muitas possibilidades de inovação, Ioannis Secundus Hagiensis consegue sua originalidade compondo versos amorosos. São versos hendecassílabos, muito elegantes quanto ao estilo. O poema alterna estrofes com um estribilho que varia ao longo do poema para assinalar a passagem do tempo e pontuar o ápice das ações ali relatadas. Não é difícil aproxima-lo de Claudiano, do qual parece glosar as estrofes finais.

As alusões mitológicas não faltam ao poema, todavia reduzidas ao mínimo: Júpiter, Apolo, Vênus, Cupido e Himeneu, que, por convenção, não pode faltar num canto nupcial. Diferentemente dos seus inspiradores, abre mão dos tópicos preliminares do epitalâmio tradicional, onde se descrevem os festejos das bodas, para concentrar-se onde os outros terminam, ou seja, no tempo em que a noite chega e os noivos se reúnem no leito nupcial.

O poeta usa o recurso da antecipação, isto é, faz-se de conselheiro dirigindo aos noivos sábias palavras para os guiar nos caminhos do amor.

Hora suave e voluptuosa  
Hora de carícias, de encanto, riso,  
Hora de delícias, jogos, sussurros,  
Hora de beijinhos e que deve ser realizada de tal sorte  
Que nos iguale aos grandes deuses e a Júpiter:  
Como o Epitalâmio destina-se a inspirar alegria, o estilo deve ser natural,

repleto de imagens prazerosas e descrições agradáveis; o sentimento deve aflorar em todos os momentos. Sob este aspecto, talvez Salomão seja inigualável, no Cântico dos Cânticos, compondo um conjunto maravilhoso e sublime:

Os teus olhos são como pombas,  
teus cabelos, como os rebanhos de cabras  
descendo impetuosas pela montanha de Galaad. (C.C. 4, 1).

os teus dois seios são como dois filhotes  
gêmeos de uma gazela  
pastando entre os lírios (C.C. 4, 5).

nosso leito é um leito verdejante (C.C. 1, 16).

Sejam os teus seios como cachos de vinha  
e o perfume da tua boca como o odor das maçãs;  
teu beijo como o vinho delicioso (C.C. 7, 9-10).

Também Secundus é pródigo em imagens agradáveis, que acentuam e valorizam essa tópica

Logo a donzela estendida em branco leito  
Desejará tua chegada, e tremerá,  
Corada a face de um rubor ingênuo.

e

Que não te falem ternos ditos,  
E as oportunas palavras que agradam todo ser,  
Nem suaves sussurros com seu murmúrio,  
Docemente, como fazem as frondes com o melodioso Zéfiro;  
Como a pomba, como aspira pela boca  
O cisne anoso ao morrer

Secundus segue todas as convenções do epitalâmio, canção que compreende a louvação dos noivos e os votos para sua felicidade. A louvação exige todo o gênio do poeta, pois deve ser formulada com expressão engenhosa, natural e conveniente. Os louvores serão engenhosos se brotam espontâneos do fundo da ficção; naturais, se não excedem a similitude poética; convenientes se acomodadas ao sexo, à condição e ao mérito das pessoas. Desta maneira, o Hagiense tece os louvores à beleza da amada, donzela de venturosa beleza etérea, dignas de Vênus, Juno e Palas, a tríade que participa do julgamento de Paris; a felicidade do noivo se ressalta através da beleza da amada, por tê-la entre os braços, recostado ao leito

venturoso.

Os conselhos dados ao noivo são para que contenha seus desejos e dirija todas as ações para a conquista plena da amada. A descrição de ações que parecem de acentuada sensualidade é parte do gênero: o ardor, os membros, o rosto, os lábios, os olhos, o alvo colo, o ventre, as pernas, as coxas fazem parte de um conjunto paciente e feliz do momento da conquista. Ressaltam a felicidade dos noivos.

Sendo parte natural do epitalâmio desejar a felicidade dos novos esposos, também é parte a forma dos votos pela felicidade.

Eis um exemplo de como Teócrito, no epitalâmio sobre as *Núpcias de Menelau e Helena*, formula esses versos pela felicidade dos esposos:

Vênus vos inspire um amor mútuo e duradouro;  
Latona vos conceda uma posteridade feliz;  
Júpiter vos culmine de riquezas, para que as transmitais  
a vossos descendentes

Ioannis Secundus, por seu turno, ressalta cada momento feliz dos novos esposos na noite de núpcias, ao longo do poema, e culminando cada etapa com o estribilho que se vai modificando e pontuando o momento de felicidade. De início, são apresentados os noivos e o ambiente em que se dará a união. O autor assinala esse momento com o estribilho:

Ó feliz jovem, donzela feliz!

Um segundo movimento do poema apresenta os novos esposos mais próximos, tocando-se sobre o leito, suspirando palavras em meio ao prazenteiro jogo do amor. O estribilho muda para:

Ó noite quatro e quatro vezes feliz!

Um terceiro movimento vem marcado pelo estribilho

Ó noite extremamente e extremamente feliz!

seguido dos desejos de que essas longas noites passadas num jogo sem freios resulte em doces filhos, muitos netos, pequena multidão que alivie as angústias da velhice. A fecundidade soa como a bênção final do epitalâmio, e nela consiste a felicidade definitiva dos novos esposos.

Examinando o poema de Ioannis Secundus, percebemos que sua originalidade está no fato de que seu canto focaliza o momento da noite de núpcias, onde não há mais a festas, os convivas: somente os novos esposos e o leito nupcial. Podemos enfim concluir que o Epitalâmio, em sua longa tradição, é uma canção em honra dos

novos esposos, em estilo natural, sensível e agradável e que suas partes principias são o louvor aos esposos e os votos por sua felicidade.

Transcrevemos abaixo o poema e a respectiva tradução que elaboramos para conhecimento dos nossos leitores:

#### EPITHALAMIVM

Ioannis Secundus.

Hora suaucula et uoluptuosa,  
Hora blanditiis, lepore, risu,  
Hora deliciis, iocis, susurris,  
Hora suauiolis, parique magnis  
Cum Diis et Ioue transigenda sorte; 5

Hora qua poterat beatiorem  
Nec Gnydi Dea sancta polliceri;  
Nec qui cum pharetra pererrat orbem,  
Curis gaudia delicata miscens,  
Penna splendidus aurea Cupido; 10  
Magni pronuba nec soror Tonantis;  
Nec qui floridulas Hymen puellas  
Raptas e gremio tenace matrum  
Inuoluit cupidis uiri lacertis  
Rupis incola floriger canorae, 15  
Aduecta est, serie rotante caeli

O felix iuuenis, puella felix!

Felix sponse, cui cupita flamma  
lam nunc in geminis quiescet ulnis,  
Puella aetheria beata forma. 20  
Qualern magna Venus, uelitque Iuno,  
Et quae casside Martia refulget  
Sancto uertice procreata Pallas,  
Si iunctae statuunt adire ualles  
Vmbrosas iterum uirentis Idae, 25  
Qua spectanda uel haec, uel haec, uel illa.  
Quouis iudicio superba malum  
Victrix aureolum reportet astris.

O felix iuuenis, puella felix!

Felix sponsa, cui cupitus ardor 30  
 Affusus modo lectulo in beato,  
 Stringet colla tenacibus lacertis,  
 Insigni iuuenis uenustus ore,  
 Istis qui roseis tuis labellis,  
 Istis qui niueis tuis papillis, 35  
 Isto qui rutilante crine tactus,  
 Isto lumine qui loquace uictus,  
 Iampridem tacito uoratur igni,  
 Lentumque increpat usque et usque solem,  
 Tardamque inuocat usque et usque lunam. 40

O felix iuuenis, puella felix!

Votis feruide sponse, parce uotis,  
 Et suspiria mitte, mitte questus,  
 Tempus accelerat suaue: mitis 45  
 Exaudit gemitus Venus suorum;  
 Condit Cynthius ora, condit ora,  
 Seque gurgite perluens Ibero  
 Cedit noctiuagae locum Sorori.  
 Et quo gratior haud relucet ignis 50  
 Coniunctis animis amore dulci,  
 Producit caput, emicatque caelo  
 Ductor Hesperus aurex caterux.

O felix iuuenis, puella felix!

Iam uirgo thalamum subibit, unde 55  
 Ne uirgo redeat, marite, cura.  
 Iam uirgo niueis locata fulcris  
 Aduentum cupiet tuum, tremetque,  
 Perfusa ingenuo rubore malas:  
 Forsan et lacrymis genae madebunt,  
 Et suspiria fundet, et querelas. 60  
 At tu nil remoratus, et querelas,  
 Et suspiria, lacrymasque tolles,  
 Abstergens oculos tuo ore, dulce  
 Murmur pro querimoniis reponens.

O felix iuuenis, puella felix! 65

Ergo, membra ubi uirginis decorae  
 Felix candida lectulus fouebit,  
 Membra languidulo parata somno,  
 Et molli quoque te toro locatum, 70  
 Supra purpureos beata reges,  
 Supra constituet Iouem Dione;  
 Mox te blandidicis parare rixis,  
 Mox te molliculae parare pugnae,  
 Motus occipies calore iusto: 75  
 Belli prospera signa non cruenti  
 Figens mille proteruus hic et illic,  
 Collo basia multa, multa malis,  
 Labris basia plura, plura ocellis.  
 Repugnabit, et improbum uocabit, 80  
 Et dicet: "Satis est" tremente uoce,  
 Arcebitque manu proterua labra,  
 Propelletque manu manum proteruam.

O noctem ter, et amplius beatam!

Pugnet strenua, pugnet illa! pasci 85  
 Pugnando teneri uolunt Amores.  
 Pugnando tibi duplicatus ardor

Vires sufficiet nouas in arma;  
 Tunc per candida colla, tunc per illud  
 Quod certat ebori nitore pectus,  
 Tunc per crura tenella, perque uentrem, 90  
 Et quae proxima sunt et huic et illis,  
 Saltu uolue agili manum salacem,  
 Et tot millia iunge basiorum,  
 Quod caelum rutilos tenebit ignes.

O noctem quater et quater beatam!

Nec desint tibi blandulaeque uoces, 95  
 Et quaecunque iuuant perita uerba  
 Nec cum murmure sibili suaues,  
 Quales dant Zephyro sonante blandum  
 Frondes; quale columba, quale cycnus

Annosus moriente spirat ore, 100  
 Donec uicta potentibus sagittis,  
 Et caeco Pueri uolantis igne,  
 Paulatim minus et minus seuera,  
 Ponet purpureum toro pudorem,  
 Collum in brachia nexuosa dedens, 105  
 Collo brachia nexuosa stringens.

O noctem quater, o quater beatam!

Tunc, tunc oscula delicata sumes,  
 Nullis contemerata quae rapinis  
 Haerebunt uario morata nexu. 110

Tunc lusus similes, paresque uirgo  
 Reddet delicias, et os hiulcum  
 Iampridem patulo licenter ori  
 Committens, animae libidinoso  
 Fragrantis cupidum beabit haustu. 115  
 Mox lusu quoque molliore ludens,  
 Dicet blanditias suauiores,  
 Emittet digitos licentiores,  
 Finget nequitiam salaciorem.

O noctem nimis et nimis beatam! 120

Tunc arma expedienda, tunc ad arma  
 Et Venus uocat, et uocat Cupido.  
 Tunc in uulnera grata prouendum.  
 Huc, illuc agilis feratur hasta  
 Quam crebro furibunda uerset ictu 125  
 Non Martis soror, ast amica Martis,  
 Semper laeta nouo cruore, Cypris.  
 Nec quies lateri laborioso  
 Detur, mobilibus nec ulla coxis,  
 Donec deficiente uoce anhela, 130  
 Donec deficientibus medullis,  
 Membris languidulis, madens uterque  
 Sudabit uarii liquoris undas.

O noctem nimis, o nimis beatam!

Sudate ut libet, et diesque longas 135  
 Noctesque exigite impotente lusu;  
 Et breui date liberosque dulces,  
 Et longo ordine blandulos nepotes,  
 Qua uobis senii minuta turba  
 Olim sollicitos leuabit annos, 140  
 Arcebit querulos toro dolores,  
 Languentum tremulos fouebit artus,  
 Componet tumulo pios parentes.

O felix iuuenis, puella felix! 144

### EPITALÂMIO

Hora suave e voluptuosa  
 Hora de carícias, de encanto, riso,  
 Hora de delícias, jogos, sussurros,  
 Hora de beijinhos e que deve ser realizada de tal sorte  
 Que nos iguale aos grandes deuses e a Júpiter:  
 Hora que mais feliz não poderia prometer  
 Nem a santa Deusa de Cnido,  
 Nem aquele que percorre o mundo com a aljava,  
 Mesclando com a lança delicadas alegrias,  
 O brilhante Cupido de asas de ouro;  
 Nem a madrinha irmã do Grande Tonante;  
 Nem Himeneu, colhedor de flores,  
 Habitante da rocha canora, que entrega  
 Nos ávidos braços de um homem as donzelas em flor  
 Raptadas do regaço das mães,  
 Essa hora chegou, na série girante do céu.

Ó feliz jovem, donzela feliz!

Feliz esposo, a quem já agora a desejada paixão  
 Repousará nos duplos braços  
 Essa donzela venturosa de beleza etérea  
 Tal que ornaria a grande Vênus, Juno  
 E a Palas, nascida da cabeça divina  
 E que refulge com seu capacete marcial;  
 Elas se decidiram juntas dirigir-se de novo aos vales  
 Sombrios do Ida verdejante

Para serem contempladas, uma após outra,  
E para que a vencedora, orgulhosa por qualquer veredito,  
Levasse às estrelas a maçã dourada.

Ó feliz jovem, donzela feliz!

Feliz esposa, a quem levará a ver como te estreita  
Entre seus vigorosos braços o anelado amor,  
Recostado ao leito venturoso,  
Esse insigne jovem de rosto encantador,  
Que por teus róseos lábios,  
Que por teus níveos seios,  
Que tocado por esta brilhante cabeleira,  
Que vencido pelo brilho loquaz dos teus olhos,  
Desde há muito é devorado por oculto fogo  
E grita sem cessar ao lento sol  
E sem cessar invoca a morosa lua.

Ó feliz jovem, donzela feliz!

Esposo ardente de desejos, poupa teus desejos,  
E solta teus suspiros, solta teus lamentos,  
O tempo corre suavemente: Vênus  
Ouve os gemidos dos seus;  
O deus Cíntio oculta sua face, oculta sua face,  
E molhando-se no estreito ibero  
Cede o lugar à noctívaga Irmã.  
E ali onde não reluz seu fogo mais grato  
Às almas unidas por um doce amor  
Levanta a cabeça e brilha no céu  
Héspero, condutor da dourada multidão.

Ó feliz jovem, donzela feliz!

Já uma donzela ganhará o leito nupcial, donde,  
Marido, cuida para que não saia donzela.  
Logo, a donzela, estendida em branco leito,  
Desejará tua chegada, e tremerá,  
Corada a face de um rubor ingênuo.  
Talvez lágrimas molhem suas bochechas,  
E ela deixe escapar suspiros e queixas.

Mas tu, sem demora, põe fim não só às queixas  
Mas também aos suspiros e às lágrimas,  
Enxugando seus olhos com tua boca, respondendo  
Aos queixumes com doce murmúrio.

Ó feliz jovem, donzela feliz!

Então, o feliz leito acalentará  
Os alvos membros da encantadora donzela,  
Os membros prontos para o lânguido sono  
E também a ti, estando estendido sobre o macio colchão,  
A venturosa Dione te colocará acima dos reis  
Vestidos de púrpura, acima do próprio Júpiter.  
A seguir, animado por um justo ardor,  
Começarás preparar rixas cheias de mimos,  
Ternas lutas, sinais favoráveis  
A uma guerra incruenta,  
E, atrevido, aqui e ali fixando  
Muitos mil beijos no colo, muitos nas bochechas,  
Mais beijos nos lábios, mais nos olhinhos.  
Ela te afastará, e te chamará de malvado,  
E dirá “basta” com voz trêmula,  
E deterá com a mão teus impetuosos lábios,  
E com a mão protegerá tua atrevida mão.

Ó feliz jovem, donzela feliz!

Que ela lute valorosa, que lute! Os ternos  
Amores desejam apascentar-se lutando,  
Teu ardor redobrado pela luta  
Te dará novas forças para atacar.  
Então, sobre seu alvo colo, então aquele peito  
Que rivaliza com o brilho do marfim,  
Então pelas tenras pernas, e pelo ventre,  
E pelas proximidades move agilmente  
Aqui e ali tua mão lasciva,  
E junta-lhe tantos mil beijos  
Quantos contém o céu rutilantes fogos.

Ó noite quatro e quatro vezes feliz!

Que não te faltem ternos ditos,  
E as oportunas palavras que agradam todo ser,  
Nem suaves sussurros com seu murmúrio,  
Docemente, como fazem as frondes com o melodioso Zéfiro;  
Como a pomba, como aspira pela boca  
O cisne anoso ao morrer,  
Até que, vencida pelas potentes setas  
E pelo secreto fogo do menino voador,  
Pouco a pouco, cada vez menos severa,  
Deponha seu purpúreo pudor entregando seu colo  
Às cadeias dos teus braços, estreitando teu colo  
Nas cadeias dos braços dela.

Ó noite quatro e quatro vezes feliz!

Então, então receberás delicados beijos,  
Os quais não manchados por nenhuma rapina,  
Prolongados, fundir-se-ão num abundante abraço.  
Então a donzela te devolverá o jogo, e iguais delícias,  
E pondo sua ávida boca em tua boca  
Por longo tempo ansiosa  
Culminará com seu luxurioso sopro  
Teu desejo de seu alento ardente.  
A seguir, jogando um jogo mais prazenteiro ainda,  
Dirá mais suaves mimos,  
Aventurará dedos mais libertinos,  
Inventará astúcia mais atrevida.

Ó noite extremamente e extremamente feliz!

Então as armas devem estar á disposição,  
E Vênus e Cupido chamam às armas.  
Então há que lançar-se às feridas gratas,  
Para cá e para lá a ágil lança será levada,  
Não a que brande a furibunda irmã de Marte  
Com golpes repetidos, mas sua amiga Cípris,  
Sempre feliz com a nova carnificina.  
Não se dê trégua ao flanco fatigoso,  
Nem tão pouco às ágeis coxas,  
Até que lhe falte a voz ofegante,  
Até que as forças, e os membros lânguidos

Fraquejem, e ambos suareis  
Ondas de variado licor.

Ó noite extremamente, ó extremamente feliz!

Suai com vos agrada, e passai dias  
E longas noites num jogo sem freios  
E em breve dai doces filhos,  
E uma longa fila de ternos netinhos,  
Pequena multidão que alivie mais tarde  
Os angustiosos anos da vossa velhice,  
Afugente do vosso leito as queixosas dores,  
Conforte vossos membros trêmulos e indolentes,  
E acompanhe à tumba os queridos pais.

Ó jovem feliz, donzela feliz!

### **Bibliografia**

- CONTE, Gian Biagio & PIANEZZOLA, Emilio. *Storia e testi della letteratura latina*. Firenze, Le Monnier, 1995.  
HAGIENSIS, Ioannis Secundus. *Basia et alia quaedam*. Barcelona: Bosch, Casa Editorial S. A. 1979.  
MARIOTTI, Italo. *Letteratura latina, historia e testi*. Boplgna: Zanichelli, 1996.  
MARTIN, René. *Approche de littérature latine tardive et protomédiévale*. Paris: Éditions Nathan, 1994.